

## CADEIRA N.º 19

*Patrono:* José Albano

*Vaga:* Transferência de A. Martinz de Aguiar para o Quadro de Sócios Correspondentes

*Recipiêdo:* João Clímaco Bezerra

*Recipiendário:* Mozart Soriano Aderaldo

*Data da posse:* 29 de agosto de 1958

MOZART SORIANO ADERALDO. Nascido em 22 de abril de 1917 na cidade de Brejo, Maranhão, mas, descendente de família cearense, desde criança viveu no Ceará. Filho de Francisco Antônio Aderaldo e Elisa Soriano Aderaldo. Em 1940, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, depois de feito os três primeiros anos do curso na Faculdade do Rio de Janeiro. Secretário de Estado e Conselheiro do Tribunal de Contas do Ceará. Professor da Escola de Administração do Ceará, de que foi Diretor, e da Faculdade de Ciências Econômicas da U.F.C. Escritor de orientação fundamentalmente católica. Crítico, historiador e genealogista. Publicou: *A Posição do Escritor na Reconstrução do Mundo* (1947); *Esboço de História da Literatura Brasileira* (1948); *Minha Árvore Genealógica* (1952); *Livros e Idéias* (1954); *Notas ao Esboço Histórico Sobre a Província do Ceará de Pedro Théberge* (1958); *Rolins, Cartaxos e Afins* (1959); *Três Estudos* (1965); *A Administração como Instrumento de Progresso* (1968); *História Abreviada de Fortaleza* (1974), além de discursos e conferências. Em parceria com José Stênio Lopes, publicou *Apoemas* (1949).

---

*João Climaco Bezerra*

Quiseram os vossos pares da Academia Cearense de Letras, sr. Mozart Soriano Aderaldo, que, ao transpordes os umbrais do sodalício ilustre, encontrásseis para estender-vos as mãos, no abraço de boas vindas, um contemporâneo de geração, companheiro de antigas aventuras literárias.

Não foram os cabelos brancos que começam a povoar as vossas fronteiras que vos fizeram, decerto, bater às portas da Casa de Thomaz Pompeu, onde se preservaram, através dos tempos, as tradições de cultura e o renome literário e artís-

tico da nossa terra e dos seus maiores. Éreis, pela formação humanística e pelo culto às lides do espírito, um dos nossos, pois aqui também encontrareis muitos daqueles que partiram, nos idos da juventude, para a lírica e sonhada viagem a Eleusis. E a Eleusis chegaram, embora, repetindo o desencantado gesto de Fradique, hajam espargido muitas flores aos pés de muitos deuses que não eram verdadeiros.

Esse encontro da nossa geração com a Academia não representa, de maneira alguma, uma reconciliação. Aparecemos para as letras numa hora trágica da humanidade e trouxemos para a realização artística a marca da incerteza e da angústia universais. Só chegamos à fé e à tranqüilidade, através do longo itinerário do desespero e da negação.

Nascemos quando soavam, nos quatro cantos do mundo, os canhões da primeira grande guerra e aprendemos a cultuar heróis de mãos tintas de sangue e contemplar, na mudez das cartas geográficas, as terras retalhadas pela conquista e pela brutalidade dos mais fortes.

Filhos do novo mundo, mas impregnados da cultura europeia, não apenas na fascinante e contagiante lucidez do espírito e estilo franceses, como pela influência dos resíduos da história e dos feitos portugueses, aspirávamos, diante do desmoronamento daquela civilização acumulada através de séculos e séculos de conquista, que despontasse a aurora no continente americano.

Assistimos, cheios de entusiasmo e de surpresas, de interrogações e tibieza à eclosão da Aliança Liberal, movimento político que simbolizava para a adolescência de então as primeiras manifestações reacionárias contra uma ordem estratificada pelos últimos senhores feudais que sustentavam a República.

A Aliança Liberal constituía, naquela busca inquietante de caminhos, a porta aberta para a revolução. E à revolução chegamos. A dúvida, no entanto, permaneceu na sua trágica e terrificante realidade. Fomos a geração que não aprendeu a afirmar. Faltou-nos, para citar o velho Eça, no instante exato, o “descorado heroísmo de afirmar”.

Aquelas histórias da boêmia literária, cujas figuras nos fascinavam com a graça e inveja da contemporaneidade, pareciam exurgidas de um mundo morto.

Adivinhávamos e sentíamos o equívoco em que mergulhara a sociedade brasileira, insistente em absolver os homens de letras das responsabilidades políticas daquela hora decisiva, convertidos em espectadores de um drama que se arrastava para o mais triste e melancólico dos epílogos.

A verdade é que, como observava Martins de Almeida, a "revolução vinha sem saber o que queria e mal sabia o que não queria". Quando as novas correntes de idéias já dominavam os espíritos, jacobinamente, fazíamos a revolução pela sua percuciente análise ao movimento armado que derribou a República: "Foi uma surpresa para o país quando percebeu que nos clubes e legiões revolucionárias, — após uma longa gestação de programas que se tornavam indispensáveis à justificativa dessas aberrantes instituições — começavam por gaguejar uma ideologia que, referindo-se vagamente ao socialismo, agregava em seu bojo as mais disparatadas doutrinas e medidas. Os militares, sobretudo os mais graduados, deram entrevistas em jornais com alusões indefinidas aos princípios de Carlos Marx."

Por outro lado, a famosa "Semana da Arte Moderna", revolução literária de 1922, com o irreverente tributo à iconoclastia, não nos conduziu a uma estética nova. Já não éramos prisioneiros do espaço, mas prisioneiros do nosso tempo. Péguy nos acenava com a saída do cárcere do mundo para a liberdade. Mas os caminhos, que só nos conduziam a soluções exteriores, serpeavam-se de mistérios, do grande mistério do próprio destino do homem.

A liberdade, aquela palavra mágica que se convertera na mística da República, que originara a revolução social da Abolição, que aparecia candente e fulgurante no verbo inflamado de Rui Barbosa, perdia, para nós, o lirismo da sua expressão, porque, antes de ser um canto poético embalando os espíritos, se convertia numa necessidade vital e intransferível.

Dessa falsa concepção de liberdade, legada pelo liberalismo do último século, que elasteceu até à paradoxal inexistência o direito do homem, homem cada vez mais esmagado pelo império do individualismo, nasciam, no entanto, as fanáticas esperanças dos novos mitos.

Criaram-se místicas, outras inversões dos direitos foram equacionadas, tornando o homem, superado o liberalismo, um juguete de falsos profetas ou demagogos vulgares. E a revolução de que fomos testemunhas cedo se transformara no formalismo partidário.

E quando a noite do fascismo caiu sobre a terra e, com ela, a maldição suprema, ouvíamos, entre a marcha acelerada e pavorosa para a segunda guerra, a voz da verdade, através de Mateus: “Em verdade vos digo que todas essas coisas virão cair sobre esta geração.”

Um poeta da nossa geração, abrindo os olhos espantados de menino para a vida, queixava-se um tanto pateticamente:

*“Proezas não tenho  
na vida tão pau  
nem lances terríveis  
tragédias enfim  
com choros pesados  
e mortes no meio...”*

A tradição da literatura teimava em acastelar-se na falsa concepção da vida descuidada, embora, paradoxalmente, perigosa, da boêmia doirada. E até mesmo o altíssimo poeta que patroniza a vossa Cadeira, chegaria, até nós, injustiçadamente, através das suas excentricidades e da sua nazarena figura de profeta bíblico. Não foi gratuitamente que mestre Dolor Barreira, ao traçar o retrato de José Albano, subordinou o capítulo da sua *História da Literatura Cearense* ao título de José Albano — O Homem — Biografia e Anedotas.

Quando estudar-se a posição dos poetas e romancistas do após modernismo no cenário da literatura brasileira, ressalta-

rá, sem dúvida alguma, uma parcela de verdade, modesta, porém decisiva. Não brincamos de literatura. Fomos mais críticos do que criadores, embora iluminados pelo aforismo de Oscar Wilde: “só o espírito crítico é criador”.

Abandonamos, corajosamente, não pela fuga até à loucura defendida por Frederico Nietzsche, mas pela consciência do nosso papel histórico, aquela literatura “sorriso da sociedade” do sr. Afrânio Peixoto. A mudez forte da verdade surgiu, em todo o esplendor, sem o véu diáfano da fantasia.

Não conhecestes, sr. Mozart Soriano Aderaldo, a angústia que nos dominava na busca inquietante dos caminhos. Mas não vos eximistes, como os da vossa geração, da angústia universal. Herdastes, pelo temperamento e talvez pela graça, a fé dos vossos maiores. Fostes, entre nós, um homem que soube crer. Um católico de convicções sólidas, robusto na sua crença, humilde na fragilidade da vossa condição humana, temeroso e confiante em Deus. Mas sempre fiel a vós mesmo, tornando-vos, dentro da vossa fé, um homem de combate e um homem de polêmica.

A religião, para vós, não era a contemplatividade e o extasiamento diante do mistério, mas a ação. E se Cristo era o caminho, a verdade e a vida, através desse caminho, como os mestres em que aprendestes a religião — Maritain, Péguy, Bloy, teríeis de chegar a todos os homens.

Compreendestes que ser católico não é ser santo mas aspirar à santidade. E dentro desses princípios, inaugurastes, pela ação católica, a evangelização dos gentios que habitavam o já hoje famoso Grupo Clã, onde comunistas e liberais, poetas líricos e romancistas crus, discutiam, nas mesas dos cafés, a política dos homens e os mistérios de Deus...

Mas o cristianismo para vós representava a mais robusta e intangível manifestação da liberdade. Já dizia Maritain, o vosso condutor, não ser possível “encontrar a face de Deus entre as ruínas da liberdade humana”.

Falando no Primeiro Congresso de Poesia do Ceará, por entre quixotes juvenis sem dulcinéias ou moinhos de vento, já colocáveis a liberdade entre as colunas mestras do cristia-

nismo. Era a verdade capital por excelência, porque a mais forte e tocante manifestação da presença de Cristo sobre a terra dos homens.

A vossa tese *A Posição do Escritor na Reconstrução do Mundo*, pelo simples título, demonstrava preocupação diante das perspectivas abertas pela guerra. E profetizáveis com as palavras de Maritain que “o único caminho para a regeneração da comunidade humana é uma redescoberta da verdadeira imagem do homem, e uma tentativa definitiva de chegar a uma nova cristandade. Os tempos modernos procuravam muitas coisas boas através da grande quantidade de erros. Hoje, trata-se de procurar essas boas coisas por bons caminhos, salvar os valores humanos e os empreendimentos visados pelos nossos antepassados e desviados do século passado e ter para isso a coragem e a audácia de nos propormos uma considerável tarefa de renovação, de transformação interna e externa”.

E citáveis, dentre os caminhos que conduziriam a essa nova Jerusalém de esperança e de fé, aqueles apontados pelo pensador Alceu Amoroso Lima, de quem recebestes em toda a vossa obra, benéfica e marcante influência: Justiça, Liberdade, Ordem, Caridade e Verdade.

Sobre essas bases sonháveis construir a Idade Nova, isenta dos extremismos, mas também isenta dos exageros do medievalismo que Berdiaeff aspirava ressuscitar. Não obstante possuir a verdade, mas ser por ela possuído, na lição magistral de Maritain.

Atravessastes o período da mão estendida. A guerra, que separava as nações, constituía, paradoxalmente, como toda a violência, um convite para a união entre os homens. E era ainda a voz de Maritain que surgia por entre lágrimas, suor e sangue: “Um católico deveria encontrar singulares delícias, um prazer de anjo, em render a seus bons inimigos — os seus amigos — pleno e total preito da justiça em reconhecer neles todo o bem e toda a verdade, todos os sinais de luz pelos quais o seu Deus, que faz chover sobre os bons e sobre os

maus, em todos manifesta sua generosidade e seu domínio soberano.”

Já nos bancos acadêmicos demonstráveis a vocação da crítica e da polêmica. Não será gratuitamente, sem dúvida, que estreastes, nas letras, com um pequeno trabalho sobre *A confusão ortográfica em face da lei*.

Para vós, no tempo, a confusão ortográfica aparecia apenas como a presença da lei. Mas a confusão era o signo daquela idade. Como Machado, poderíamos repetir a “confusão era geral”.

Toda a vossa obra é uma afirmação, uma profissão de fé. E se a razão estiver em Durkheim, quando assevera ter sido dos mitos e das lendas que saíram a ciência e a poesia, talvez aí se explique a ausência da ficção no conjunto da vossa atividade literária.

Não que desprezásseis a poesia, que também não vos desprezou, apesar de esquiva e fugaz. Escrevestes versos, poemas de adolescente, alguns ingênuos como este “Noturno”:

*“Nem por isso o perfume de teus lábios é menos forte  
e o soluço que me embala é menos álcool.  
Seria a manhã que já se mostra  
ou as ondas do teu corpo que contemplo?  
O pássaro que não sabe as notas musicais  
tange os hinos que Chopin invejou.  
É que toquei as fibras do meu oboé  
e fiz vibrar as cordas da viola que tu és.  
Canta,  
canta para que eu possa dançar!”*

Talvez não tenhais conhecido o clima propício à poesia. A especulação filosófica, a investigação crítica, a pesquisa das idéias, que representam a soma mais importante da vossa atividade literária, sem dúvida, afastaram de vós, por esses segredos que se não podem explicar, a presença do mistério poético.

“Na arte — escreveu Wilde quando tocado pela desventura — a verdade existe na correspondência de um objeto consigo mesmo; no se converter o exterior em expressão do interior, a alma em carne e em achar-se animado um corpo pelo espírito. E por isso inexistente verdade comparável à dor.” Faltou à vossa tentativa poética esse traço do sofrimento. Nela a arte e o sofrimento não marcharam de mãos dadas para a sua realização total. Redimistes-vos, no entanto, quando, tocado da graça que inspira os poetas legítimos, escrevestes o poema “Calcioterapia”, um dos momentos altos da poesia moderna cearense:

I

*Mais uma pétala que cai  
e um passo para a morte:  
o suor que escorre  
e a agonia que vem.  
Marília,  
eu já não bebo o néctar que me davas:  
o que importa é a mancha vermelha no teu lenço  
e o gosto de sangue em minha boca.*

*Sou um soro difícil,  
a aurora que não brilha,  
o destino ficado na tristeza,  
o amanhã abortado.*

*É baldado velar  
o fogo que se extingue  
nos ventos gelados.*

*É inútil dar alento  
ao atual que passa  
e não será amanhã.*



## II

*Mas ah!*

*volto a sentir o fogo crepitar  
e renovo os planos que fizemos,  
se me entrego ao clínico  
para a punção milagrosa.*

*É o reencontro da vida que se ia  
e já rebrilha.*

*Reverdeço como um botão de rosa,  
Marília.*

Se o culto à liberdade, que é o princípio fundamental da vossa crença no cristianismo, não vos permitiria uma crítica eivada de compromissos doutrinários ou políticos, o debate e as idéias nascidos aos influxos das leituras vos ofereceram, em *Livros e Idéias*, uma visão do mundo.

Seguíeis, ainda nesse ponto, o ensinamento básico do mestre Alceu Amoroso Lima, que opina magistralmente: “Considero, pois, a crítica literária não como uma atividade parasitária da literatura de criação e a ela contraposta, mas como uma atividade autônoma, apenas distinta da atividade criadora, mas cheia de contatos com ela e representando, antes de tudo, uma concepção geral da existência”... “É a vida toda que o crítico tem diante dos olhos. Deve fazer da crítica um modo de exprimir sua própria visão da vida”.

A leitura, para vós, representa apenas uma fonte de inspiração criadora. O livro uma sugestão para análise, uma porta aberta para “essa ampla e total visão do mundo...”

Alguns dos vossos pequenos ensaios — *Conceito de Democracia, Política Socialista, A Igreja e a Questão Social e Liberdade*, para citar os principais, revelam o pensador amadurecido, trabalhado através de uma sólida formação humanística.

*Livros e Idéias*, escrevi quando eles apareceram, são um combate vivo. Reunindo artigos de crítica, destacam-se, so-

bretudo, pelo aspecto polemístico. Homem de idéias firmes e formação católica, forrado de cultura e de fé, e, ainda mais, tendo coragem de defender o seu credo, Mozart Soriano Aderaldo revelou-se, da primeira à última página, o ardoroso polemista dos tempos modernos. E a coragem é um sinal de mocidade, mesmo entre os que estão envelhecendo”.

A frase derradeira continua viva. Não viestes à Academia, sr. Mozart Soriano Aderaldo, em busca de tranqüilidade e de honrarias. Porque, entre nós, a fadiga está longe de agasalhar-se, embora já se tenham arrefecido, para muitos, o ardor da mocidade e os ímpetos da juventude.

Vindes ocupar a Cadeira de que é patrono José Albano, o angélico poeta para quem a poesia religiosa, na opinião de Agripino Grieco, foi talismã e viático.

*Apoemas* não passou de uma aventura, todavia. Menos que um equívoco, um pecado venial para o qual encontrastes amplo e generoso perdão nos dois livros subseqüentes, acordes com as tendências do vosso temperamento e com a natureza dos vossos estudos: *Esboço de História da Literatura Brasileira* e *Livros e Idéias*.

À síntese analítica que constitui o primeiro ensaio, à visão crítica da evolução das nossas letras, consoante observou o lúcido escritor e companheiro nosso, Braga Montenegro, não trouxestes, decerto, vitalidade nova, de conteúdo ou forma.

Mas procurais, numa inteligente e oportuna interpretação, aplicar, aos limites da literatura brasileira, a linha do pensamento filosófico e estético de Maritain.

Fiel ao espírito aristotelino, de início, relembrais o conceito clássico da casualidade, aplicando-o, ainda em rigorosa obediência ao tradicionalismo, ao desenvolvimento artístico da nossa literatura.

Mas a contribuição significativa que o vosso pequeno ensaio — pouco mais de vinte páginas para assunto tão vasto — trouxe aos estudiosos da história literária, foi, não se pode obscurecer, a nova tentativa da divisão do desenvolvimento das letras pátrias.

Dividistes a evolução literária do povo brasileiro, sem subestima do aspecto cronológico, temático ou pessoal — segundo a vossa própria opinião, nas seguintes fases: 1) O Século 16; 2) O Século 17; 3) O Século 18; 4) O Século 19; 5) O Século 20; 6) O Cancioneiro do Norte; 7) O Cancioneiro do Sul; 8) O Cancioneiro do Centro; 9) A Poesia Clássica; 10) A Poesia Romântica; 11) A Poesia Parnasiana; 12) A Poesia Simbolista; 13) A Poesia Modernista; 14) A Poesia Pós-Modernista; 15) O Romance; 16) A Novela e o Conto; 17) O Teatro e o Rádio; 18) A Crítica e a História; 19) A Filosofia; 20) A Eloquência; 21) José de Alencar; 22) Castro Alves; 23) Machado de Assis; 24) Euclides da Cunha; 25) Graça Aranha.

É uma tentativa, sem dúvida. Mais uma tentativa, diríamos melhor, que comporta contestação e debates. O debate, porém, é a qualidade mestra do vosso espírito e recordo, com um pouco de saudade dos tempos em que atirava pedras no quintal alheio, que discutimos azedamente em torno da vossa apreciação panorâmica da nossa literatura. A minha opinião coincidia, em parte, com a de Braga Montenegro. Faltara-me, contudo, o *savoir dire*, quando escrevi:

“Na verdade, não há nada de novo no bem elaborado opúsculo do ensaísta cearense. Nenhum espírito de reforma, de revolução. Nenhuma tentativa de novas interpretações. Mas é um livro diferente. Um livro que não se salienta apenas pelo milagre surpreendente da síntese. Porque tudo que nele está inserto está também, paradoxalmente, explicado, exaustivamente.”

A citação, meu caro sr. Mozart Soriano Aderaldo, dói mais ao crítico, hoje de cabeça grisalha, do que ao criticado. Porque no pequeno trecho, na sua tremenda contradição, talvez denuncie, analisado à distância e com frieza, que eu, sem sentir, fazia revoluções demânticas e estéticas, invertendo ou aproximando antônimos que se repelem e que se chocam. Há, entretanto, nesse *Esboço de História da Literatura* um mérito indiscutível: o seu aspecto didático. Num país tão pobre de compêndios ricos — perdoem-me o trocadilho — ele deveria ser acrescido com uma parte antológica e adotado, oficial-

mente, nos cursos de literatura do ciclo colegial ou das faculdades de filosofia.

Existe, sr. Mozart Soriano Aderaldo, um traço comum entre os intelectuais da nossa geração. Não compreendemos a arte senão como atividade eminentemente humana e o artista sendo como um homem simplesmente, de pés fincados no chão, preso às contingências do meio e às necessidades do tempo e do espaço. Não combatemos as torres de marfim. Ignoramo-las. Não as conhecemos. Não nos isolamos para pensar ou para escrever, pois sabíamos — e foi essa a maior graça da nossa geração — que toda a fonte de beleza, que toda a inspiração vinha do povo. Estava com o povo. E só vivendo com o povo, tentando compreendê-lo e amá-lo, poderíamos ser os seus fiéis e legítimos intérpretes.

As primeiras palavras do vosso ensaio de história literária combatem a gratuidade da arte: “Tudo o que fazemos visa a alguma coisa. Tudo que exige o nosso esforço tem explicação.” “O fim accidental de uma certa e determinada obra de arte seria, por assim dizer, a aplicação do que está contido naquela obra de arte. A sua mensagem, diremos melhor.”

E eu me não posso furtar ao fascínio de rever-me menino, numa pequena e humílima cidade do interior, a contemplar, embevecido, no livro de leitura, aquela figura augusta, barba que lembrava a efígie divina do Nazareno, olhar vago e perdido nas distâncias. E me revejo também com a alma embalada de sonhos e de desencantos, a recitar como se rezasse a primeira prece:

*“Poeta tui e do áspero destino  
Senti bem cedo a mão pesada e dura,  
Conheci mais tristezas que ventura  
E sempre andei errante e peregrino...”*

Por essa estrada de tristeza também andamos nós, sr. Mozart Soriano Aderaldo. Conhecemos, como escritores de província, desânimo e desventuras. As alegrias, mesmo minúsculas, porém, nos enchem de fé e de esperanças.

Chegastes à Casa de Thomaz Pompeu, nesta noite memorável, por entre aplausos e reconhecimento dos vossos contemporâneos, na certeza de que conquistastes a glória de ocupar a Cadeira de José Albano, pela inteligência e pelo amor ao trabalho.

Sede bem-vindo, sr. Mozart Soriano Aderaldo.

E, diante da vossa Cadeira, olhando o passado, contemplando a mocidade que já começa a distanciar-se, encontráveis, decerto, na obra que realizastes, a mais bela e convincente resposta ao verso de Paul Verlaine:

— *Qu'as-tu fait ou toi que voilà  
Pleurant sans cesse,  
Dis, qu'as tu fait, toi que voilà  
De ta jeunesse?*